

JEAN-MICHEL BASQUIAT
ORIGENS E O LEGADO DO PRIMEIRO ARTISTA NEGRO A ENTRAR NO
RESTRITO, ELITISTA E BRANCO CENÁRIO ARTÍSTICO DE NOVA YORK EM
1980

Vitor Carvalho Treviso¹

José Ronaldo Alonso Mathias²

RESUMO

O artigo em questão busca traçar uma análise a respeito da vida e da obra do artista norte-americano Jean-Michel Basquiat, evidenciando toda a influência do seu capital cultural em tensão com uma realidade racista, elitista e branca, que predominava tanto no cenário artístico quanto no cenário sociocultural dos anos 1960/70 nos Estados Unidos. Entender como o mundo das artes, enraizado num complexo jogo de interesses, possibilitou a ascensão de um jovem negro grafiteiro ao posto de artista de vanguarda prestigiado norteou esta pesquisa. Além disso, o texto se desenvolve numa constante busca de conseguir, através da biografia de Basquiat, ler a atual sociedade brasileira midiática, interconectada e com diversas forças políticas e econômicas interferindo na produção cultural a ponto de excluir e criar estereótipos preconceituosos. De fato, tudo aqui apresentado correlaciona temas como identidade, racismo, exclusão, ressignificação, contatos e, evidentemente, o poder transformador da arte.

Palavras-chave: Basquiat; racismo; grafite; hip hop; arte.

¹ Arquiteto, Urbanista e Historiador da Arte - Graduado em 2016 e pós-graduado em 2020 - Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. E-mail: socialtgavitor@gmail.com

² Professor do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo; orientador deste artigo.

ABSTRACT

This article seeks to analyze the life and work of American artist Jean-Michel Basquiat, highlighting the influence of his cultural capital in tension with a racist, elitist, and white reality that dominated both the artistic and sociocultural scene of the 1960s and 1970s in the United States. Understanding how the world of art, rooted in a complex game of interests, enabled the rise of a young black graffiti artist to the position of a prestigious avant-garde artist guided this research. In addition, the text develops in a constant search for an understanding of our current Brazilian media-driven, interconnected, and technological society through Basquiat's biography. In fact, everything presented here correlates themes such as identity, racism, exclusion, resignification, contacts, and, of course, the transformative power of art.

Keywords: Basquiat; racism; graffiti; hip hop; art.

A Nova York de 1960 vivia uma efervescência artística e cultural sem precedentes. Enquanto críticos e galerias celebravam o expressionismo abstrato e artistas como Pollock, De Kooning e Rothko, surgia a Pop Art, que desafiava a estética e o discurso vigentes com ícones como Warhol e Rauschenberg.

Nesse contexto, um jovem negro nascido no Brooklyn, filho de imigrantes do Haiti e Porto Rico, começava a forjar sua identidade artística em meio às ruas, ao grafite e à diversidade cultural da cidade. Jean-Michel Basquiat transcendeu as barreiras raciais e socioeconômicas impostas pela sociedade americana, convertendo sua trajetória em um manifesto visual contra as desigualdades e o preconceito. Ao unir técnicas e temas provocativos, Basquiat não só rompeu com os cânones estéticos de sua época, mas também se tornou um porta-voz das minorias, ecoando a realidade de muitos jovens negros de periferias ao redor do mundo. Este artigo explora a importância estética e política de Basquiat, relacionando sua obra com o contexto de artistas afro-brasileiros contemporâneos, que, assim como ele, desafiam o status

quo em busca de representatividade, voz e transformação.

Nova York, 1960. Críticos e galerias ainda vangloriavam a arte do **expressionismo abstrato**, escola que havia lançado os Estados Unidos no cenário artístico mundial. A “action painting” produzia uma visualidade a ser questionada, com tela e tinta como meios a serem batidos pela demanda da nova sociedade consumista e midiática. Pollock, de Kooning, Rothko, Kline, entre outros, compunham o escalão dos artistas brancos nova-iorquinos que ainda demonstravam força diante a inovadora **Pop Art**, liderada por Warhol, Hamilton, Rauschenberg, Johns e Lichtenstein.

O **Expressionismo Abstrato**, também chamado de “Escola de Nova York”, corresponde a um movimento de vanguarda artística. Ele surgiu nos Estados Unidos, em Nova York, na década de 40. Esse movimento uniu aspectos da vanguarda expressionista alemã e da corrente abstracionista criando, dessa maneira, uma nova tendência de caráter simbólico e expressivo. (DIANA, 2020).

Pop Art é um movimento artístico que se caracteriza pela reprodução de temas relacionados ao consumo, publicidade e estilo de vida americano (american way of life). Esse é um termo em inglês que significa "arte popular" e surgiu durante a década de 1950, na Inglaterra. (IDAR, 2020).

Num misto sonoro que pendulava entre o jazz e o blues de Miles Davis, Charles Mingus, Ornette Coleman, Dave Brubeck, e o rock que despontava como a música jovem e posteriormente crítica de Elvis Presley, Bob Dylan, The Beatles, Rolling Stones e Led Zeppelin, a sociedade americana passava por um processo de transformação estética e cultural jamais vista em sua história.

É justamente nesse cenário que nasce Jean- Michel Basquiat (22 de dezembro de 1960), filho de Gerard Jean-Baptiste Basquiat, ex-ministro do Interior do Haiti que, ao imigrar para os Estados Unidos, se tornou proprietário de grande escritório de contabilidade, e da porto-riquenha Mathilde Andrada, de quem herdou o apreço pelas artes. Era o mais velho dos três filhos de um casal de classe média alta do Brooklin, bairro de Nova York. Imerso nos desenhos animados que passavam na televisão, aos três anos já desenhava seus personagens favoritos e frequentava constantemente o MoMA, Museu de Arte Moderna de Nova York, onde tinha uma carteira de sócio mirim.

Figura 1 – Basquiat e irmãs



Fonte: The Estate of Jean-Michel Basquiat. Disponível em: <http://basquiat.com/artist-timeline.htm>. Acesso em: 12 ago. 2020.

Aos sete anos foi atropelado e, no acidente, teve o braço esquerdo dilacerado.

Figura 2 – *Tobacco Versus Red Chief*, 1981. Tinta acrílica e marcador sobre tela, 200,7 x 177,8 cm. Paine Webber Group Inc., New York



Fonte: <http://basquiat.com/artist-timeline.htm>. Acesso em 08 ago. 2020.

Cirurgias, uma temporada no hospital e um presente de sua mãe – o livro *Grey's Anatomy* – aproximam ainda mais Basquiat do mundo das artes. Mais tarde, as pinturas de corpos humanos, os detalhes de anatomia e até o nome da banda musical de curta duração que fundou em 1979, *Gray*, justificariam essa aproximação. Após a separação dos pais, viveu de 1974 a 1976 com as irmãs em Porto Rico, mas, aos 17 anos, voltou ao cenário urbano de Nova York. Justamente esse cenário elitista, branco e racista que o postularia futuramente como um dos artistas mais influentes da história.

Não se adaptando às escolas da época, devido às diferenças culturais e às excludentes metodologias educacionais americanas que não incorporavam seu **capital cultural** ao seu processo de formação social, Basquiat passa a frequentar a Edward R. Murrow High School, mas a abandona praticamente ao final do curso. O típico jovem que não se enquadra em uma realidade estética e cultural dominante é expulso de casa pelo pai, vai morar com amigos e passa a pintar camisetas que ele mesmo vendia nas ruas.

[...] a noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o sucesso escolar, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe (BOURDIEU, 1998, p.73).

Figura 4 – SAMO graffiti, New York Beat, 1980-81.



Fonte: Artnet Gallery Network. Disponível em: <https://news.artnet.com/partner-content/al-diaz-basquiat-graffiti-samo-tag>. Acesso em: 08 ago. 2020.

Aos 17 anos, a rua passa a ser seu ateliê, e os bancos da cidade, sua cama – não por vontade própria, mas por ser, infelizmente, a única escolha para sobreviver. É nas ruas de Nova York que Basquiat se alimenta da diversidade cultural, das problemáticas sociais e, principalmente, da cegueira política acerca das periferias e dos menos favorecidos. Ele então torna uma realidade desfavorável em potencialidade artística criativa. Com o artista gráfico Al Diaz cria a “SAMO” (*same old shit* - mesma velha merda), marca e assinatura que usava para espalhar as suas obras pelas paredes da cidade. Nasce aí o Basquiat grafiteiro, que deixava sua marca em portas, janelas, paredes, casas e estações de metrô, diante de uma sociedade otimizada que não parava para ver a realidade caótica e problemática em que vivia.

Figura 3 – Al Diaz e Basquiat, 1981



Fonte: The Estate of Jean-Michel Basquiat. Disponível em: <http://basquiat.com/artist-timeline.htm>. Acesso em: 25 jul. 2020.

A fama era só questão de tempo, e ele começou sua jornada de celebridade num programa da TV a cabo intitulado Glenn O'Brien, aparecendo pela primeira vez no show ao vivo em 1979, além de participar do filme *Downtown 81*. O filme é um relato quase biográfico e atemporal da vida de um jovem artista negro em busca de sobrevivência numa sociedade elitista branca. A mistura do hip hop, new wave e grafite anuncia o futuro das manifestações artísticas típicas do início da década de 1980. Toda a remuneração que Basquiat ganha é investida em materiais de pintura. Sua produção é criativa e anuncia um novo estilo de vida enérgico, explosivo e jovem, que rompe, técnica e conceitualmente, com as estéticas

expressionistas abstratas e com a Pop Art dos Estados Unidos.

[...] Movimento chamado *Hip Hop* que nasceu nos guetos de Nova York na década de 1970 e a partir daí difundiu-se pelo mundo, tendo como ponto de partida as regiões periféricas das grandes cidades. [...] O termo *Hip Hop* designa um conjunto cultural amplo que inclui música (*rap*), pintura (grafite) e dança (*break*). O *rap*, sigla derivada de "*rhythm and poetry*" (ritmo e poesia), é a música do Movimento e constitui o seu elemento de maior destaque. Mc é a sigla de "Mestre de Cerimônia"; é ele que canta o *rap* e, na maioria das vezes, também compõe as letras. (LOURENÇO, 2010).

Assim, podemos imaginar um novo Basquiat: de um jovem negro das ruas a um artista de vanguarda internacionalmente conhecido. Apaixonado pela mídia, aproximou-se de quem estava nela. Sendo assim, torna-se tarefa impossível falar de Basquiat sem exaltar a amizade propulsora de sua carreira dentro das galerias e dos museus – amizade que abriga e cede materiais, divulga e patrocina sua arte. Andy Warhol seria o único excêntrico a fim de acreditar nas extravagâncias de Basquiat. Dinheiro, contatos e fama não faltam ao mais novo artista nova-iorquino. Basquiat abandonou a arte de rua e o grafite e decreta nas paredes: "SAMO morreu".

Figura 5 – Andy Warhol e Basquiat (Foto: Michael Halsband/ Divulgação)



Fonte: Gelatin Silver Print. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/370421138071848757/>. Acesso em: 08 ago. 2020.

A pintura em tela passa a ser a nova linguagem do artista, e suas obras começam a ser adquiridas e comercializadas por *marchands* do mundo inteiro. Basquiat serve aos apaixonados e endinheirados da arte um repertório pictórico novo, impactante e de acordo com as necessidades temáticas dos anos 80.

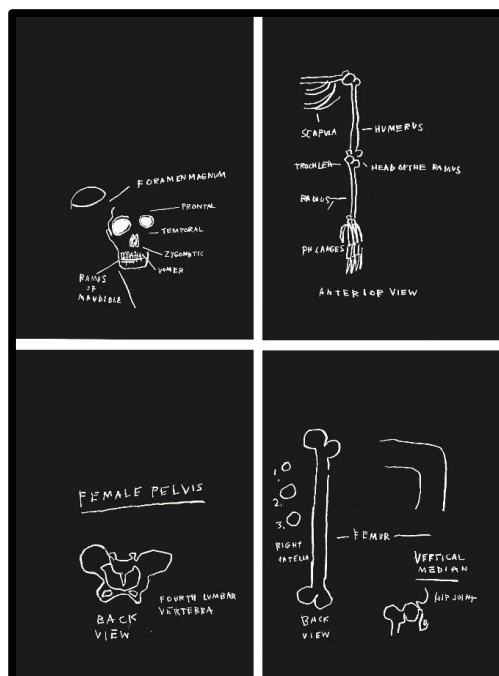
Marchand é uma palavra francesa (em português, 'mercador' ou 'comerciante') que, em alguns países não francófonos, designa o profissional que negocia obras de arte. A palavra se refere não só àquele que compra e vende objetos artísticos, mas também a um tipo de prestador de serviços que atua na divulgação do artista, podendo representá-lo comercialmente nas relações com galeristas, colecionadores, museus

e assemelhados. (BORELA, 2015).

O contraponto que agora vejo conveniente realizar é o da figura do jovem negro assolado pelas desigualdades sociais, pela discriminação racial e, já como artista conhecido por sofrer duras críticas sobre sua arte, passar a ser um artista consumido e recebido nos salões mais chiques e exclusivos de Nova York.

O crítico de arte da revista TIME, Robert Hughes, disse, na década de 1980, que Basquiat era o “Eddie Murphy do mundo da arte” e que as pessoas gostavam dele por sua persona “jovem, barulhenta... invencivelmente burra”. Tal crítica se faz questionável perante o fato de que, após inserido no mundo das celebridades, Basquiat se destaca como inovador e consegue a proeza de ser o artista mais jovem a participar, em 1982, da Documenta em Kassel – considerada uma das maiores e mais importantes exposições da arte contemporânea e da arte moderna internacional, realizada a cada cinco anos em Kassel, Alemanha – com cerca de 60 pinturas exibidas na prestigiosa mostra “Anatomy”, além da Bienal do Whitney Museum, de Nova York, em 1983.

Figura 6 – Série "Anatomy", 1982. Tinta acrílica e marcador sobre tela. 65 x 48 cm



Fonte: The Estate of Jean-Michel Basquiat. Disponível em: <http://basquiat.com/artist-timeline.htm>. Acesso em: 28 out. 2024.

Com a ótica contemporânea fica clara a importância da mídia e das relações entre os agentes do **campo da arte** para a fomentação estética e comercial de toda diversidade de Basquiat como um artista negro em Nova York. Por consequência, essa relação, muito utilizada por ele, se coloca como estratégia contemporânea para aqueles(as) artistas com realidades e histórias de vida relativamente parecidas e que também almejam o sucesso e respeito no mundo das artes.

O campo artístico moderno teria surgido nas décadas de 1870 e 1880, a partir da superação do modelo acadêmico francês, com a implantação de um novo parâmetro estético. Com o desenvolvimento da arte moderna, o corpo hierárquico rígido e formal da instituição acadêmica foi substituído por um campo de concorrência, no qual não existia mais uma autoridade artística capaz de estabelecer parâmetros, embora muitos almassem esta condição. Este campo constitui, segundo Bourdieu, a incorporação de um sistema institucional com uma pluralidade de visões divergentes. (SILVA, 2016).

Realizando um link entre a figura de Basquiat e a realidade da arte de artistas brasileiros de descendência afro, a parceria com Warhol e a presença na mídia televisiva ou impressa, como revistas e jornais, além da Documenta Kassel de 1982, foram, para Basquiat, o que há tempos o movimento negro brasileiro busca na literatura, nas programações culturais e, mais recentemente, ganha força e lugar de fala na internet, nas redes sociais e nas mais diversas mostras de arte de cunho antirracista no Brasil. Podemos destacar a exposição “A Mão Afro-Brasileira”, no MAM SP; “A Nova Mão Afro-Brasileira”, no Museu Afro Brasil, em 2013; a mostra “Brasil+500 e Mostra do Redescobrimento”, realizada em 2000; as mostras “Territórios”, na Pinacoteca, e “Diálogos Ausentes”, no Itaú Cultural, além da recente “**Histórias Afro-Atlânticas**”, realizada concomitantemente no MASP e no Instituto Tomie Ohtake.

Figura 7 – Montagem da exposição Afro-Atlântica no MASP, em 2018



Fonte: Folhapress. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/06/mostra-no-masp-e-tomie-ohatake-retrata-fluxos-da-cultura-africana-para-alem-da-escravidao.shtml>. Acesso em: 28 jul. 2020.

Figura 8 – *Tenor*, 1985. Tinta acrílica, giz pastel oleoso e colagens de Xerox, 254 x 289,6 cm. Coleção particular (courtesy Bruno Bischofberger, Zürich)



Fonte: The Estate of Jean-Michel Basquiat. Disponível em: <http://basquiat.com/artist-timeline.htm>. Acesso em: 25 jul. 2020.

Ainda sobre a relação aqui proposta, Basquiat se nutre das ruas e de sua estética do hip hop e do próprio grafite – realidade também vivenciada pelos jovens das periferias brasileiras, que incorporam o funk e o rap a toda essa produção rejeitada pelas elites. Fato é que Basquiat, na década de 1980, exprimiu a realidade atual de uma grande parcela da população brasileira: os jovens negros das periferias, que vislumbram na arte e na mídia uma ascensão econômica e um prestígio acerca de sua cultura e de sua identidade, que cada vez mais ganha notoriedade no cenário artístico mundial e rompe com estereótipos preconceituosos criados por uma classe dominante.

Ao tentarem encaixar a arte de Basquiat, especialistas da época a denominaram de *"primitivismo intelectualizado"*. Esse fato reafirma o viés estereotipado e preconceituoso daqueles que não aceitavam que as obras de Basquiat fossem uma tendência neoexpressionista. Retratando personagens esqueléticos, rostos apavorados, rostos mascarados, carros, edifícios, policiais, ícones negros da música e do boxe, cenas da vida urbana e colagens, junto a pinceladas nervosas, rabiscos, escritas indecifráveis, sempre em cores fortes que remetem a suas raízes africanas, em telas grandes, o jovem negro de Nova York se transformou em popstar. Fotografado freneticamente nos eventos realizados para ele, supervalorizado com trabalhos espalhados pelos museus mais importantes do mundo – como o Osaka City Museum of Modern Art, no Japão; o Chicago Art Institute, em Illinois, Estados Unidos; o Everson Museum of Art, em Syracuse, Nova York, Estados Unidos e o Solomon R. Guggenheim Museum –, rodeado pelas celebridades da época, no auge de sua carreira, Basquiat vai além de um artista norte-americano: ele teve papel pioneiro como porta-voz das minorias, conseguindo dialogar muito bem tanto com o universo das galerias quanto com a mídia.

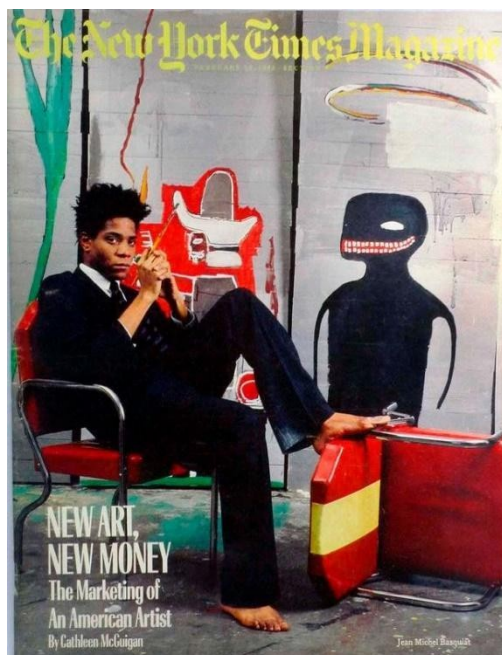
Figura 9 – *Gold Griot*, 1984. Marcador sobre madeira, 297,2 x 185,4 cm. The Eli Broad Family Foundation Santa Monica



Fonte: The Estate of Jean-Michel Basquiat. Disponível em: <http://basquiat.com/artist-timeline.htm>. Acesso em: 25 jul. 2020.

Porém, o fervor criativo de seu trabalho e a relevância social que ele representou, e ainda representa, não impediram o racismo, pois, mesmo sendo badalado e supervalorizado no campo da arte após os eventos e exposições, na rua o táxi ainda não parava para um jovem negro. O próprio MoMa, Museu de Arte Moderna, que o artista visitava constantemente quando criança, rejeitou submissões de seu trabalho no início de sua carreira. Quase sempre a cor de pele preta está retratada em meio ao caos. Há, portanto, uma dessacralização de ícones da história da arte em seu trabalho, uma crítica dura aos padrões estéticos aceitos em museus e, fundamentalmente, o olhar racista que extrapola a fama e o mundo das celebridades e abala a cultura e a formação de uma vasta parcela da população.

Figura 10 – Basquiat vestindo Armani na capa da *New York Times Magazine* (1985)



Fonte: Cathleen McGuigan. Disponível em: <https://fahrenheitmagazine.com/blogs/blog-opinion/jean-michel-basquiat-el-hombre-que-vestia-trajes-armani-para-pintar>. Acesso em: 08 ago. 2020.

Defendo então que sua importância ultrapassa o âmbito da cultura e da arte. Em Basquiat, a arte “primitiva” carrega um teor político fundamental nos principais debates de hoje, inclusive no Brasil, na busca de respaldo governamental, jurídico, social e cultural em busca do fim da discriminação contra minorias, o respeito às diferenças raciais, de gênero e as possibilidades que as mídias proporcionam aos jovens das periferias do país. Busco com a pesquisa aqui apresentada exaltar o artista de pele preta, de origem caribenha, que, embora criado num ambiente de classe média, sofreu uma série de preconceitos raciais presentes na sociedade norte-americana daquele tempo. E, com isso, estabelecer uma relação com a realidade de muitos brasileiros negros que possam, através de Basquiat, se encorajar a seguir a carreira

artística não como mero instrumento de fama, e sim de luta e conscientização.

Com a morte de Andy Warhol, seu grande mentor e protetor, em 1987, Basquiat se abala e isso se reflete em sua criação. As críticas cada vez mais constantes e a arte sendo um campo composto por galeristas, curadores e críticos muito exigentes, deixam de tratá-lo com unanimidade e novamente Basquiat associa tal realidade ao racismo arraigado da sociedade americana. Sozinho e desamparado, vê nas drogas um refúgio. Fato comumente relacionado a artistas que num curto espaço de tempo saem do anonimato e se transformam em celebridades ou a jovens violentados pelas desigualdades sociais e a ausência de políticas públicas que incentivem arte e cultura no combate às injustiças, desigualdades e as drogas.

Em ambos casos, a falta de preparo emocional, o desamparo social, a falta de assistência pública e a ligação entre fama e ascensão socioeconômica dificultam a reabilitação desses jovens.

Figura 11 – Basquiat no Great Jones Street Studio, New York, 1987



Fonte: Instagram/Reprodução. Disponível em:
<https://www.omelhordesampa.com/single-post/2018/02/02/BASQUIAT-NO-CCBB>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Figura 12 – "Jean-Michel Basquiat – Obras da Coleção Mugrabi", no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), 2018



Fonte: The Estate of Jean-Michel Basquiat.
Disponível em: <http://basquiat.com/artist-timeline.htm>. Acesso em: 08 ago. 2020.

Em agosto de 1988, Basquiat morre por overdose de heroína, acontecimento trágico que “põe fim” à carreira brilhante do primeiro afro-americano a ter acesso à restrita, elitista e complexa cena das artes plásticas nova-iorquinas. Hoje, o mundo ainda se impressiona com suas obras e com seus traços quase infantis. Suas obras ainda estão presentes nas mais importantes mostras do mundo, entre elas uma sala especial, inaugurada em 1996, na 23ª Bienal de São Paulo e, em 1998, uma retrospectiva na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Mais recentemente, em 2018, a mostra gratuita "**Jean-Michel Basquiat – obras da coleção Mugrabi**", a maior exposição sobre o jovem gênio do neoexpressionismo já realizada na América Latina, promovida pelo CCBB e apresentada em São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Figura 13 – Jean-Michel pintando em 1983, na St. Moritz, Suíça



Fonte: Lee Jaffe/Getty Images. Disponível em:
<http://artecontemporaneatudosobre.blogspot.com/2018/07/as-obras-do-pintor-norte-americano-jean.html>. Acesso em: 12 de ago. 2020.

Da sua origem cultural à sua dificuldade na formação escolar, do seu histórico familiar conflituoso às noites mal dormidas nos bancos e nas ruas, do seu repertório que integra manifestações urbanas do hip hop, do grafite, das colagens e das frases politizadas aos desenhos simples que chocam, dos sonhos impossíveis de, através da arte, ser reconhecido e valorizado aos amigos e contatos realizados do mundo da fama, das angústias e dos sofrimentos causados pelo racismo e pela falta de oportunidades aos mais importantes encontros artísticos de Nova York; da ausência de um amparo emocional às mais duras críticas daqueles que o chamaram de “o artista mais superestimado de seu tempo”; do jovem negro que saiu das ruas e chegou ao estrelato mundial em seis anos ao jovem que odiava as instituições financeiras e que, no auge de sua carreira, gastou quantias gigantes em ternos Armani, vinhos caros e estadias nos melhores hotéis – e que, sempre que podia, jogava notas de 100 dólares da janela de uma limusine para os mendigos; de um artista negro que o mundo aprendeu a admirar aos inúmeros jovens que o mundo perdeu – e, infelizmente, ainda perde – para as drogas.

Basquiat simboliza uma luta e, a meu ver, um “apagar de luzes” desse espetáculo criado pela mídia em torno das celebridades; luzes que, quando acesas, escondem verdades duras, repletas de preconceitos, desigualdades, cobranças emocionais e prestígios superficiais

que atendem a uma demanda hipócrita burguesa e ignoram problemas políticos e sociais que ainda hoje estruturam o racismo na arte. Além disso, reconheço Basquiat como o negro das periferias brasileiras, que idealiza, através das artes – instrumentalizadas pela internet e pelas mídias sociais –, defender uma narrativa cultural silenciada pela elite branca, denunciar uma realidade injusta e alcançar uma estabilidade financeira e o prestígio internacional.

Desde sua primeira obra a semente foi plantada, e podemos ver Basquiat na arte que se funde com a luta social de Maxwell Alexandre, **Samuel d' Saboia**, Roni Evangelista, Moisés Patrício, Rayza Rodrigues, Sonia Gomes, Rosana Paulino, Jaime Lauriano, Paulo Nazareth, Lourival Cuquinha, Sidney Amaral, Peter de Brito, Arjan Martins e muitos(as) outros(as) artistas negros(as) que agora atuam em galerias e participam do sistema das artes. Além deles, há artistas que integram o grupo de imigrantes africanos e haitianos refugiados no Brasil, que aguardam por um olhar inclusivo. O recado que Basquiat deixou ecoou: “Falar de raça é falar da dominação e escravização de um povo, do apagamento, silenciamento e retirada da sua humanidade. Falar sobre raça é falar sobre a desigualdade que estrutura a nossa sociedade até hoje.” – Marielle Franco.

Figura 14 – O artista natural do Totó, um bairro periférico da Zona Oeste do Recife, Samuel d'Saboia, o Sarmurr, em frente a obras que expõe em NY - Divulgação



Fonte: Instagram/Reprodução. Disponível em: <https://www.instagram.com/samueldesaboia/>. Acesso em: 01 nov. 2024.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Laura. Pop Art. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/pop-art/>. Acesso em: 1 nov. 2024.

BORELA, Paula Martins. **O sistema da arte mais além de sua simples prática**. 2015. Disponível em: <https://paulaboris.blogspot.com/2015/10/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

DIANA, Daniela. Expressionismo abstrato. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/expressionismo-abstrato/>. Acesso em: 1 nov. 2024.

LOURENÇO, Mariane Lemos. Arte, cultura e política: o Movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos. **Psicol. Am. Lat.**, n. 19, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2010000100014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 nov. 2024.

PIES, Neri Gervasio. **Capital cultural e educação em Bourdieu**. 2011. 71 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011. Disponível em: <http://tede.upf.br:8080/jspui/handle/tede/706>. Acesso em: 1 nov. 2022.

SILVA, Marcelo de Souza. **As ideias de Bourdieu sobre arte e sua aplicação no contexto do século XXI**. HACER - História da Arte e da Cultura: Estudos e Reflexões, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://www.hacer.com.br/#!aplicacaobordieu21/rbdbk>. Acesso em: 22 out. 2024.